

POLISSEMIA E HOMONÍMIA EM UMA PERSPECTIVA TERMINOLÓGICA

Ieda Maria ALVES¹

- **RESUMO:** Apresentamos, neste trabalho, os conceitos de polissemia e de homonímia analisados da ótica da terminologia, disciplina que concerne aos nomes e ao fato de nomear. Para tanto, expomos, inicialmente, o desenvolvimento da terminologia como prática, seu advento como disciplina e a maneira pela qual as várias vertentes terminológicas têm enfocando as relações semânticas de caráter polissêmico e homonímico. Em seguida, apresentamos ocorrências de relações polissêmicas e homonímicas em algumas áreas de especialidade e procuramos explicar as causas do emprego dessas relações.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Polissemia; homonímia; terminologia; língua de especialidade.

Introdução

Tratar dos conceitos de *polissemia* e *homonímia* da perspectiva da *terminologia* torna necessária a apresentação da história dessa disciplina e das relações estabelecidas entre o termo, a unidade das linguagens terminológicas e seu respectivo conceito.

Por isso apresentamos, inicialmente, o desenvolvimento da terminologia como prática e situamos seu advento como disciplina, o que somente ocorreu no século XX. Apresentamos também o enfoque segundo

1 Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP – 05508-900 – São Paulo – SP – Brasil – iemalves@usp.br.

o qual as teorias terminológicas têm analisado as relações semânticas da polissemia e da homonímia.

A terminologia, disciplina que concerne aos nomes e ao fato de nomear, encontra sua origem nos tempos mais remotos, motivada pela necessidade de comunicação entre os homens. No mundo ocidental, Rey (1995) atribui a Platão, com o célebre diálogo *Crátilo* – em que a teoria de Crátilo, para quem cada coisa possui um nome de acordo com sua natureza, opõe-se à de Hermógenes, que defende que os nomes são convencionais –, o primeiro texto referente à terminologia:

Although the need for naming objects has been felt and written about since ancient times, for the Western World Plato's Cratylus can be considered the first basic text on terminology. Between Plato and the sixteenth century the Stoics, Saint Augustin, Saint Anselm, Indian thinkers, Arabic philosophers, grammarians and lexicographers wrote about the subject. The philosophical and grammatical writings of the Middle Ages abound in deep reflections on the subject of language and its relation to objects and thought. The idea of a separate discipline devoted to the problems associated with naming and of a methodology for solving them, however, only emerged slowly after the Renaissance. (Rey, 1995, p.13)

No mundo oriental, desde a Idade Média trabalhos com designações de doenças, de órgãos do corpo humano e de plantas eram produzidos. Alguns exemplos, citados por Van Hoof: *Explicação das palavras gregas em siríaco*, do médico e filósofo Hunayn Ibn Ishâq (século IX); *Léxico siríaco-árabe*, de Ibn Bahlûl; *O grande colecionador*, de Rhazès, que repertoria designações de órgãos e de doenças em grego, siríaco, persa, árabe; *O livro da explicação das designações de drogas*, de Maimonide (1139-1204), que registra designações de plantas em árabe, grego, siríaco, persa e berbere (Van Hoof, 1989, p.27-8).

A civilização ocidental somente vai produzir esse tipo de trabalho a partir do Renascimento. Van Hoof (1989, p.28) e Diego (1995, p.14) apresentam algumas dessas obras, elaboradas no século XVI: *Glossário árabe-latino de termos médicos*, do médico italiano Andrea Alpago; repertório de termos da anatomia, de Varsalius, com características normativas.

No século XVIII, cientistas começam a mostrar a necessidade de denominação de conceitos nas várias áreas de especialidade. Indícios dessa necessidade são revelados nos trabalhos de Lavoisier na química, de Lineu na botânica e na zoologia. Ainda nesse século, a preocupação com a denominação refletiu-se na *Encyclopédie*, de Diderot e D'Alembert, publicada na França, e em trabalhos editados na Inglaterra: *Cyclo-*

paedia or universal dictionary of arts and science (1728), de Chambers, e *Dictionary of the English language*, de Samuel Johnson (1755). A partir da segunda metade do século seguinte, em colóquios internacionais referentes a botânica (1867), zoologia (1889) e química (1892), vários especialistas expressam a necessidade de harmonização dos conceitos. É no século XX, no entanto, que a terminologia adquire foro de disciplina e impõe-se como o estudo dos conceitos e termos referentes às línguas de especialidade. Nesse século, são os técnicos que, inicialmente, aderem aos estudos terminológicos de forma relevante (cf. Cabré, 1993, p.21-9; Felber, 1996, p.11-29; Rey, 1995, p.12).

Atribui-se o marco inicial da terminologia no século XX ao engenheiro e industrial austríaco E. Wüster (1898-1977), vinculado a um importante grupo de estudiosos dessa disciplina, a Escola de Viena. Wüster apresenta, em 1931, na Universidade Técnica de Stuttgart (Alemanha), sua tese de doutorado denominada *A normalização internacional da terminologia técnica*. Com esse trabalho, o terminólogo austríaco expõe reflexões de cunho metodológico e normativo, apresenta os princípios que devem nortear os trabalhos terminológicos, ao mesmo tempo em que delineia os primeiros esboços referentes aos bancos de dados terminológicos. As idéias de Wüster, expostas em sua tese e em trabalhos posteriores, constituem a *Teoria Geral da Terminologia (TGT)*, segundo a qual a terminologia encontra-se em uma zona fronteira entre a lingüística, a lógica, a ontologia, a informática e as diferentes especializações.

Wüster e os teóricos da Escola de Viena consideram que o trabalho terminológico, para proporcionar uma comunicação eficaz entre os usuários de uma área de especialidade, deve evitar toda ambigüidade. Para tanto, o *termo*, a unidade lexical de uma língua de especialidade, deve estabelecer uma relação unívoca e isenta de conotações com seu respectivo *conceito*. Desse modo, as relações semânticas de caráter sinonímico e polissêmico, tão frequentes na língua geral, constituem um obstáculo a uma comunicação eficaz em uma área de especialidade.²

Nessa mesma época, o russo D. S. Lotte (1898-1950), responsável pelo comitê de normalização terminológica do Conselho de Ministros da

2 De acordo com o *Vocabulaire systématique de la terminologie*, elaborado pelo Office de la Langue Française, organismo governamental do Québec, Canadá, consideramos *língua geral* ou *língua comum* a parte do sistema lingüístico que é compreendida e utilizada pela maioria dos falantes de uma comunidade lingüística (*partie du système linguistique comprise et utilisée par la majorité des locuteurs d'une communauté linguistique*). Opõe-se a uma *língua de especialidade* ou *tecnoleto*, parte do sistema lingüístico referente a uma área especializada (*sous-système linguistique qui comprend l'ensemble des moyens linguistiques propres à un champ d'expérience particulier (discipline, science, technique, profession, etc.)*) (Boutin-Quesnel et al., 1985, p.20-1).

ex-União Soviética e membro da Academia das Ciências, está consciente, tanto quanto Wüster, de que é necessário imprimir aos trabalhos terminológicos um cunho mais racional. Ele foi, segundo a análise de Rondeau (1984, p.6), o verdadeiro primeiro mestre da terminologia.

No decorrer do século XX, o crescente desenvolvimento da terminologia pode ser atribuído a diferentes causas.

Os trabalhos iniciados por Wüster e Lotte enfatizam o caráter sistemático dos termos e marcam a primeira fase da terminologia nesse século (1930-1960). A partir de 1960, a disciplina é estimulada pelos avanços na informática e aparecem os primeiros bancos de dados terminológicos. Iniciam-se também projetos de planificação lingüística, que se tornam mais relevantes no final da década de 1970 e nos anos 80. Nos últimos quinze anos, a terminologia continua se desenvolvendo graças ao crescente desenvolvimento da informática; ao mercado das indústrias da língua, em que a disciplina ocupa um lugar de destaque; à cooperação internacional, que favorece a necessidade de uma comunicação especializada; à planificação lingüística, sobretudo nos países em vias de desenvolvimento.

Polissemia e homonímia segundo as teorias terminológicas

Nos trabalhos que tratam dos termos da terminologia, os conceitos de *polissemia* e *homonímia* são definidos nas seções referentes às relações entre termo e conceito.

Na *Norme ISO 1 087* (1990), que concerne à terminologia da disciplina terminológica, são definidos os termos *polissemia* e *homonímia*:

polysémie: *Relation entre deux ou plusieurs notions qui ont certains caractères communs et qui ont la même désignation.*

homonymie: *Relation entre désignations et notions dans lesquelles des désignations identiques représentent des notions différentes.*

Outro trabalho referente ao vocabulário da terminologia, o *Vocabulaire systématique de la terminologie*, de Boutin-Quesnel et al. (1985, p.13), apresenta o conceito de *homônimo* e não se refere aos termos polissêmicos:

*Chacun des termes d'une langue donnée qui ont la même forme graphique (**homographe**) ou phonique (**homographe**), mais qui désignent des notions différentes.*

*Ex.: **moule** (forme) et **moule** (mollusque); **air** et **aire**.*

Um dos principais seguidores da *Teoria geral da terminologia*, Helmut Felber (1987, p.15), em seu *Manuel de terminologie*, insere os conceitos de *polissemia* e de *homonímia* no âmbito da *plurivalência*:

Il y a plurivalence lorsque des termes identiques sont affectés à plusieurs notions.

La plurivalence peut prendre la forme de l'homonymie ou de la polysémie.

A homonímia, para Felber, concerne aos termos idênticos que se vinculam a diferentes conceitos e são independentes uns em relação aos outros. Divide os homônimos em homófonos (mesma forma fônica), homógrafos (mesma forma gráfica) e homônimos completos (mesma ortografia e mesma pronúncia). Como exemplo de homônimos, cita os termos franceses *aile*, da zoologia, e *aile*, que pertence à terminologia da aeronáutica. O autor considera a existência de polissemia nos casos em que termos idênticos se referem a conceitos diferentes que são etimológica ou semanticamente ligados.

Por meio dessas definições, extraídas de trabalhos de caráter terminológico e aplicáveis às línguas de especialidade, observamos que os conceitos de polissemia e homonímia são definidos de maneira análoga às definições relativas à língua geral.

Já outros teóricos, com o objetivo de evidenciar como esses conceitos são enfocados no trabalho terminológico, discorrem sobre as relações polissêmicas e homonímicas no âmbito da oposição entre as perspectivas terminológica e lexicográfica/lexicológica.

Assim, lemos em Rondeau (1984, p.62) que, se na lexicografia a homonímia constitui um mal necessário, nos trabalhos terminológicos o fato homonímico não é problemático uma vez que cada termo se vincula a uma área ou rede conceitual:

En lexicologie, la synonymie constitue un élément d'enrichissement du langage, l'homonymie est un mal nécessaire et la néologie est un phénomène spontané et naturel dont les effets se rapprochent souvent de ceux de la synonymie.

En terminologie, au contraire, la synonymie doit être éliminée au profit de la clarté des C'EST, l'homonymie ne pose pas de problèmes en raison du rattachement de chaque terme à un domaine ou réseau notionnel, et la néo-

logie se développe la plupart du temps pour répondre à des besoins précis et selon des mécanismes contrôlés, sinon normalisés.

Cabré (1993, p.214-9) lembra-nos de que, em terminologia, o valor semântico de um termo é estabelecido em relação ao sistema conceitual de que faz parte e, em conseqüência, cada área temática é tratada de maneira independente em relação às outras. Desse modo, uma unidade polissêmica em lexicografia é considerada, em terminologia, um termo em relação homonímica com outros termos:

Así pues, lo que para la lexicografía es un término polissémico, para la terminología pasa a ser un conjunto de diferentes términos en relación de homonimia. (p.214)

Em razão desse diferente enfoque por parte dos estudos lexicográficos e terminológicos, a autora ressalta ainda que, no léxico geral da língua, há mais casos de polissemia; nas terminologias, ao contrário, observam-se muitos casos de homonímia, causados pela passagem de um termo de uma língua de especialidade para outra como conseqüência de um processo analógico. Tomando o espanhol *polo* como exemplo, explica que, em um dicionário da língua geral, todas as acepções da palavra, mesmo as técnicas, aparecem em um único verbete sob forma de subentradas. No âmbito da terminologia, *polo* faz parte de diferentes áreas temáticas e por essa razão há diferentes termos com a mesma forma *polo*, em relação homonímica, que figuram em dicionários terminológicos referentes às áreas da matemática, da mecânica e da eletrônica.

Outros autores também enfatizam essa relação homonímica, pela qual se tem procurado demonstrar que, idealmente, um termo pode estar vinculado a um único conceito e vice-versa:

In order to account for different meanings of the same term as they occur in texts (homonymy), it had always been accepted that a term form could belong to more than one subject field, where it would be differently defined. Thus the division into separate vocabularies according to subject fields was a necessary pre-condition for the terminological theory that excluded the natural existence of homonyms. (Sager, 1990, p.59)

Como en la práctica se observa una realidad diferente, esto es, que varios conceptos reciban una misma denominación (y, concomitantemente, que un mismo concepto reciba varias denominaciones), los teóricos que plantean la monosemia terminológica como una verdad incontestable resulten en la contradicción entre teoría y práctica acudiendo al argumento de

que en los tecnol\u00e9xicos no se producen casos de polisemia, en virtud de que cada t\u00e9rmino es monos\u00e9mico en el interior de una especialidad. La existencia de varias acepciones para un mismo t\u00e9rmino se explica por la extensi\u00f3n del uso de determinada forma a varias especialidades. En consecuencia ... en tales casos no se produce polisemia, sino homonimia: no existe un t\u00e9rmino con 2, 3 acepciones, sino 2, 3 t\u00e9rminos diferentes, de \u00e1reas diferentes (Castillo, 1997, p.124)

Polissemia e homon\u00edmia e a pr\u00e1tica do trabalho terminol\u00f3gico

A pr\u00e1tica do trabalho terminol\u00f3gico tem demonstrado, no entanto, que as l\u00ednguas de especialidade estabelecem n\u00e3o apenas rela\u00e7\u00f5es homon\u00edmicas mas tamb\u00e9m rela\u00e7\u00f5es de car\u00e1ter poliss\u00e9mico.

Na verdade, as rela\u00e7\u00f5es homon\u00edmicas s\u00e3o bastante freq\u00fcentes em todas as l\u00ednguas de especialidade. Termos s\u00e3o formados pela rela\u00e7\u00e3o anal\u00f3gica entre dois conceitos, de modo que uma denomina\u00e7\u00e3o, em uma l\u00edngua de especialidade, \u00e9 aplicada em outra l\u00edngua de especialidade para denominar um outro conceito que, com o primeiro, mant\u00e9m uma afinidade sem\u00e2ntica parcial.

Desse modo, *raiz* e *ramo*, termos que denominam conceitos da morfologia vegetal, constituem hom\u00f4nimos de termos da intelig\u00eancia artificial:³

raiz

N\u00f3 que n\u00e3o tem antecessor em uma \u00e1rvore.

ramo

Segmento de reta que liga dois n\u00f3s e representa as opera\u00e7\u00f5es que transformam um estado em outro em uma \u00e1rvore.

Diagn\u00f3stico, termo da medicina, \u00e9 hom\u00f4nimo de *diagn\u00f3stico*, outro termo da intelig\u00eancia artificial:

diagn\u00f3stico

Conjunto de observa\u00e7\u00f5es necess\u00e1rias para a interpreta\u00e7\u00e3o de dados tendo em vista a solu\u00e7\u00e3o de um problema.

³ Todas as defini\u00e7\u00f5es referentes \u00e0 \u00e1rea da Intelig\u00eancia Artificial s\u00e3o elaboradas no \u00e2mbito do Projeto *Observat\u00f3rio de Neologismos Cient\u00edficos e T\u00e9cnicos do Portugu\u00eas Contempor\u00e2neo*, Projeto Integrado de Pesquisa CNPq n\u00b0 522419/95-0.

Essa transferência semântica, comumente observada entre as línguas de especialidade, é admitida pelos teóricos da terminologia, mesmo os que seguem a rigidez dos princípios pregados pela *Teoria geral da terminologia*.

A prática do trabalho terminológico tem levado numerosos pesquisadores à constatação de que, embora a relação unívoca entre termo e conceito seja um ideal a ser alcançado para uma comunicação eficaz entre os usuários de uma mesma língua de especialidade, esse fato nem sempre é observado. Assim, a constatação e a conscientização de que relações sinonímicas e polissêmicas permeiam uma mesma língua de especialidade, enfatizadas a partir de meados da década de 1980, têm possibilitado que a terminologia se torne uma *socioterminologia*, preocupada sobretudo com o funcionamento dos termos e com as condições sociolingüísticas em que eles ocorrem (cf. Gaudin, 1993, p.67).

Aceita-se, assim, o fato de que toda língua de especialidade está sujeita a apresentar relações de caráter polissêmico. Encontramos exemplos dessas relações até mesmo no termo *terminologia*, que designa três diferentes conceitos, a disciplina, a metodologia e o conjunto de termos de cada área de especialidade:

terminologia

a) *El conjunto de principios y de bases conceptuales que rigen el estudio de los términos.*

b) *El conjunto de diretrizes que se utilizan en el trabajo terminográfico.*

c) *El conjunto de términos de una determinada área de especialidad.* (Cabré, 1993, p.82)

Outro exemplo, extraído da terminologia do caju, demonstra que o termo *caju* denomina tanto o fruto como uma de suas partes:

caju

Fruto do cajueiro composto de duas partes: o pedúnculo, que tem aspecto agradável, com coloração variando de amarelo ao vermelho; a castanha, seu verdadeiro fruto, de cor cinza-esverdeada e característica uniforme.

Hipocarpo desenvolvido, sucoso, carnoso, com elevado teor de vitamina C. (Pontes, 1996)

Se as razões do emprego de homônimos nas línguas de especialidade são explicáveis pelo procedimento da transferência semântica entre conceitos, as relações de caráter polissêmico podem ser devidas a outras causas.

De maneira análoga à língua geral, em que se observa uma correlação entre a frequência da unidade lexical e seu caráter polissêmico, um

termo muito empregado em uma língua de especialidade também se expõe a sofrer o processo da polissemia. Observamos esse fato com o termo *globalização*, no âmbito da economia, que definimos como:

globalização

Processo de integração de tecnologias, empresas e economias implementado a partir da década de 80. (Alves, 1998, p.127)

Sabemos, entretanto, que essa definição constitui apenas uma dentre as possíveis em relação ao termo, que, muito freqüente, já é objeto de várias conotações, conforme atesta um jornalista:

O que é, afinal de contas, globalização? Como em qualquer assunto em que entre a questão econômica, essa pergunta vai encontrar 11 respostas diferentes, se forem consultados 10 economistas. (*Folha de S.Paulo*, 2.11.1997, Especial, p.2, c.1)

Outro fator que condiciona o emprego de relações polissêmicas no interior de uma mesma língua de especialidade pode ser determinado pelo caráter transparente de um termo.

Essa transparência constitui muitas vezes uma consequência do caráter onomasiológico da terminologia, que determina que uma grande parte dos termos em uma língua de especialidade seja constituída pelo processo da formação sintagmática, resultante da lexicalização de segmentos fráscicos. Essas formações, que recebem diferentes designações (lexias complexas, termos-sintagmas, sinapsias...) são em geral transparentes, ou seja, apresentam um conceito claro, facilmente interpretável por causa da junção de seus elementos constituintes.

É essa transparência semântica, parece-nos, que explica a generalização do conceito relativo ao termo *preço mínimo*, que denomina os preços mínimos aplicados à agricultura:

preço mínimo

Também conhecido por preço de garantia, fixado pelo governo para os diversos produtos agrícolas. Essa política tem diversos objetivos. (Sandroni, 1994, p.282)

Menor preço garantido pelo governo a determinado produto agrícola. (Alves, 1998, p.200)

Em contextos jornalísticos recentes, no entanto, observa-se que *preço mínimo* tem recebido uma acepção mais genérica, aplicando-se a todo tipo de produto e não apenas aos produtos agrícolas:

Banda B no AM não terá preço mínimo

O edital de licitação para a exploração da banda B da telefonia celular na área 8 (Amazonas, Pará, Amapá, Roraima e Maranhão) não deverá estabelecer um preço mínimo pela concessão, informou ontem a Anatel (Agência Nacional de Telecomunicações). (*Folha de S.Paulo*, 7.5.1998, p.2.7, c.1)

O caráter transparente de um termo é algumas vezes determinado por sua formação morfológica. Formações com o sufixo *-dor*, agente, que podem referir-se tanto a um agente humano como a uma máquina, podem provocar a ocorrência de relações de caráter polissêmico, como se verifica na terminologia do caju:

classificador

Máquina em forma de cilindro perfurado usada para classificar castanha. Operário que classifica a castanha. (Pontes, 1996)

A especialização de um termo, que empregado inicialmente de maneira genérica e, em seguida, passa a ser utilizado em uma acepção específica, pode explicar o emprego polissêmico de *argumento* em inteligência artificial.

Emprestado da lógica, *argumento* é empregado em uma acepção genérica:

argumento

Conclusão e suas premissas em lógica.

Aplica-se também, de maneira específica, a uma das linguagens de inteligência artificial, o Prolog (PROgramming in Logic):

Um dos dois componentes das estruturas do Prolog, utilizado para nomear individualmente as partes de um objeto composto e que pode ser constituído por números, constantes, variáveis e outras estruturas.

Considerações finais

A existência da polissemia nas línguas de especialidade constitui, na verdade, uma forma de explorar os recursos próprios de uma língua para a criação de termos. A esse respeito, diz-nos Sager (1990, p.72):

Another technique of using existing resources is to explore the polysemic nature of general language designations. Instead of saying that something is like something else we call it by the thing it most resembles. This

produces metaphorical combined names the motivation for which can be found in similarities of form, function and position ...

Essa característica da polissemia é identificada por Diego (1995, p.58), que, dando-nos o exemplo do espanhol *ala* (do pássaro e do avião), escreve também que a ocorrência de relações polissêmicas constitui uma forma de criação de novas unidades terminológicas.

Parece-nos assim que, nas línguas de especialidade, tanto as relações homonímicas como as de caráter polissêmico são estabelecidas de forma dinâmica e não impedem a eficácia da comunicação especializada. Concluindo este estudo, consideramos pertinente mencionar as reflexões de Guibaud (1979), que, após estudar a polissemia na terminologia da radioatividade, lembra-nos de que devemos estar sempre atentos a novos contextos e aos conceitos eventualmente novos dos termos que cremos conhecer.

ALVES, I. M. Polysemy and homonymy in a terminological perspective. *Alfa (São Paulo)*, v.44, p.261-272, 2000.

- **ABSTRACT:** *In this paper, we present the concepts of polysemy and homonymy analysed under the perspective of terminology, which is a field related to names and to the act of naming. In order to show this, we first expose the development of terminology as a practice, its origins as a subject and the ways through which the various terminological tendencies have focused these semantic relations. Then, we present examples of polysemy and homonymy in some specific subject fields and try to explain the causes for the use of these semantic relations.*
- **KEYWORDS:** *Polysemy; homonymy; terminology; language for special purposes.*

Referências bibliográficas

ALVES, I. M. (Coord.) Glossário de termos neológicos da economia. *Cadernos de Terminologia (São Paulo)*, v.3, 270p., 1998.

BOUTIN-QUESNEL, R. et al. *Vocabulaire systématique de la terminologie*. Québec: Office de la Langue Française, 1985. 38p.

- CABRÉ, M. T. *La terminología. Teoría, metodología, aplicaciones*. Trad. para o espanhol por Carlos Tebé. Barcelona: Editorial Antártida, Empúries, 1993. 529p.
- CASTILLO, R. A. *Cómo hacer un diccionario científico técnico?* Buenos Aires: Editorial Memphis, 1997. 189p.
- DIEGO, A. F. de. *Teoría y práctica*. Venezuela: União Latina, Universidad Simón Bolívar, 1995. 160p.
- FELBER, H. *Manuel de terminologie*. Paris: Unesco, Infoterm, 1987. 375p.
- _____. La figura d'E. Wüster. In: CABRÉ, M. T. (Dir.) *Terminología*. Selecció de textos d'E. Wüster. Barcelona: Universitat de Barcelona, 1996. p.11-27.
- GAUDIN, F. *Pour une socioterminologie*. Des problèmes sémantiques aux pratiques institutionnelles. Rouen: Publications de l'Université de Rouen, 1993. 231p.
- GUIBAUD, A. La polysémie dans le vocabulaire de la radioactivité. *L'Actualité Terminologique (Québec)*, v.12, n.7, p.3, 1979.
- NORME INTERNATIONALE ISO 1 087. Genève: International Organization for Standardization, 1990. 17p.
- PONTES, A. L. *Os termos da cultura e da industrialização do caju*. Assis, 1996. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Ciências e História, Universidade Estadual Paulista.
- REY, A. *Essays on terminology*. Amsterdam: John Benjamins, 1995. 225p.
- RONDEAU, G. *Introduction à la terminologie*. Québec: Gaëtan Morin, 1984. 195p.
- SAGER, J. C. *A practical course in terminology processing*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1990. 258p.
- SANDRONI, P. (Org.) *Novo dicionário de economia*. 8.ed. São Paulo: Best Seller, 1994. 377p.
- VAN HOOFF, H. Histoire des dictionnaires techniques. In: SCHÄTZEN, C. de. *Terminologie diachronique*. Paris: Conseil International de la Langue Française, Bruxelles: Service de la Langue Française, 1989. p.23-37.